

5

Reencontro

Evelina despertou num quarto espaçoso, com duas janelas, deixando ver o céu.

Emergia de um sono profundo, pensou.

Diligenciou recordar-se, assentando contas da própria situação.

Como teria entrado na amnésia de que estava tornando agora à tona da consciência?

Desemperrou a custo os mecanismos da memória e passou a lembrar-se, vagorosamente... A princípio, indescrevível pesadelo lhe conturbava o repouso começante. Sofrera, decerto, uma síncope inexplicável. Percebera-se movendo num mundo exótico de imagens que a faziam regredir na estrada das próprias reminiscências. Recapitulara, não sabia como, todas as fases de sua curta vida. Voltara no tempo. Reconstituíra todos os dias já vividos, a ponto de rever o pai chegando morto ao lar, quando possuía somente dois anos de idade. Nesse filme que as energias ocultas da própria mente haviam exibido para ela, nos quadros mais íntimos do ser, ouvira, de novo, os gritos maternos e enxergava, à frente, os vizinhos espantados, sem compreender a tragédia que se lhe abatia sobre a casa...

Depois registara a impressão de tremendo choque.

Algo como que se lhe desabotoara no cérebro e vira-se flutuar sobre o próprio corpo adormecido...

Logo após, o sono invencível.

De nada mais se apercebera.

Quantas horas gastara no torpor imprevisto? Es-

taria regressando a si, vencido o colapso, por efeito de algum tratamento de exceção? Porque não via, ali, junto do leito, algum familiar que lhe propiciasse as necessárias explicações?

Tentou sentar-se e o conseguiu sem a menor dificuldade.

Inspecionou o ambiente, concluindo que o pouso se lhe trocara. Inferiu das primeiras observações que, tombada em desmaio, fora reconduzida ao hospital e ocupava, agora, larga dependência, que o verde-claro tornava repousante.

Em mesa próxima, viu rosas que lhe chamavam a atenção para o perfume.

Cortinas tênues bailavam, de manso, aos ritmos do vento, que penetrava as venezianas diferentes, talhadas em substância semelhante ao cristal revestido de essência esmeraldina.

Em tudo, simplicidade e previsão, conforto e leveza.

Evelina bocejou, distendeu os braços e não se surpreendeu com qualquer dor.

Recuperara-se enfim, refletiu alegre.

Conhecia a presença da saúde e a testemunhava em si mesma. Nenhum sofrimento, nenhum estorvo.

Se algo experimentava de menos agradável, era precisamente um sinal de robustez orgânica: sentia fome.

Onde o marido? onde os pais?

Desejava gritar de felicidade, comunicando-lhes que sarara. Aspirava a dizer-lhes que os sacrifícios efetuados por ela não haviam sido inúteis. No íntimo, agradecia a Deus a dádiva do próprio restabelecimento e ansiava estender a jubilosa gratidão aos seres queridos.

Não mais lograva sopitar o coração embriagado de regozijo e, por isso, buscou a campainha, rente a ela. Apertou o botão de chamada e uma senhora de semblante doce e atraente apareceu, saudando-a com palavras de irradiante carinho.

Evelina aceitou com naturalidade a cooperação da desconhecida.

— Enfermeira — falou para a recém-chegada —, posso rogar-lhe o favor de chamar meu marido?

— Tenho instruções para, antes de tudo, informar o médico sobre suas melhoras.

A senhora Serpa concordou, afirmando, no entanto, que sentia necessidade de reencontrar os familiares, de maneira a repartir com eles o próprio júbilo.

— Compreendo... — redarguiu a servçal, com inflexão de ternura.

— Tenho sede de entender-me com alguém — aditou a convalescente, animada —, como se chama a senhora?

— Chame-me Irmã Isa.

— Decerto, a senhora me conhece. Sou Evelina Serpa e devo ter aqui minha ficha...

— Sim.

— Irmã Isa, que me sucedeu? Estou bem, mas num estado estranho que não sei definir...

— A senhora passou por *longa cirurgia*, precisa descansar, refazer-se...

Para Evelina, em verdade, nada havia de surpreendente naquelas palavras articuladas em tom significativo. Sabia-se operada. Passara pela dolorosa ablação de um tumor. Estivera em casa, melhorara tanto que obtivera um passeio com o marido pelas estradas do Morumbi. Apesar de tudo, reconhecia-se novamente hospitalizada, sem poder ajuizar dos motivos.

Enquanto alinhava indagações mudas, não viu que a atendente pressionava um ponto cinza, em determinado recanto, comunicando-se com o médico de plantão.

Em dois minutos, um homem de branco entrou, calmo.

Cumprimentou a doente, examinou-a, sorriu satisfeito.

— Doutor... — começou dizendo, ansiosa por justificar-se.

E pediu informes. Desejava saber como e quando conseguiria rever o esposo e os pais.

Não seria justo dar aos seus a notícia do êxito com que o hospital a brindava?

O facultativo ouviu-a, paciente, e rogou-lhe conformidade. Retornaria aos parentes, mas precisava reajustar-se.

Gesticulando carinhosamente, qual se sossegasse uma filha, aclarou:

— A senhora está melhor, muito melhor; entretanto, ainda sob rigorosa assistência de ordem mental. Em se ligando a quaisquer agentes suscetíveis de induzi-la a recordações muito ativas da moléstia que sofreu, é provável que todos os sintomas reapareçam. Pense nisso. Não lhe convém, por agora, recolocar-se entre os seus.

E com um olhar ainda mais compreensivo, ajuntou:

— Coopere...

Evelina ouviu a observação, de olhos lacrimosos, mas resignou-se.

Afinal, concluiu intimamente, devia ser reconhecida aos que lhe haviam granjeado a bênção da nova situação. Não lhe cabia interferir em providências, cujo significado era incapaz de apreender. Adivinhando que o médico se dispunha a sair, solicitou com humildade se lhe seria permitido ler e, se essa concessão lhe fôsse feita, rogaria que a casa lhe emprestasse algum volume em que pudesse colher ensinamentos de Cristo. Sensibilizado, o médico lembrou o Novo Testamento e, a breves instantes, a atendente trouxe o livro mencionado.

Restituída à solidão, Evelina começou a ler o Sermão da Montanha; todavia, a advertência clínica se lhe intrometia na imaginação, insistentemente. Se estava restaurada, qual se via, porque simples lembranças lhe im-

poriam retorno aos padecimentos de que se acusava liberta? Porquê? Percebia-se na posse de inenarrável euforia. Deliciosa sensação de leveza lhe mantinha a disposição para a alegria, como nunca sentira em toda a existência.

Tais recursos de equilíbrio orgânico seriam assim tão fáceis de perder?

Retirou a atenção do livro e engolfou-se em novas cogitações... E se reconstituísse em espírito a presença de Caio e dos pais com veemência? e se concentrasse os próprios pensamentos nas dores que havia deixado à retaguarda?

Infelizmente para ela, confiou-se a semelhantes exercícios e, decorridos alguns minutos, a crise revelou-se, agigantando-se-lhe no corpo em momentos rápidos. Regelavam-se-lhe as extremidades, enquanto que mantinha a ideia de que um braseiro a requeimava por dentro, com a dispneia afrontando-lhe o peito. Desencadeados os sintomas, quis reagir, contrapor conceitos de saúde aos de doença; entretanto, era tarde. O sofrimento ganhou-lhe as forças e passou a contorcer-se no suplício de que se admitira definitivamente distanciada...

Atônita, premiu a campainha e a prestimosa atendente se desdobrou na tarefa assistencial.

O médico reapareceu e administrou sedativos.

Ambos, nem ele nem a enfermeira, lhe endereçaram o mínimo reproche, mas a doente lhes leu no olhar a convicção de que tudo haviam compreendido. Em silêncio, davam-lhe a saber que não lhe ignoravam a teimosia e que, com toda a certeza, não se acomodando aos avisos recebidos, quisera experimentar por si mesma o que vinha a ser um tipo de mentalização inconveniente.

Conquanto a bondade de que dava mostras, o médico agiu com energia.

Forneceu instruções severas à companheira de serviço, depois da injeção calmante que ele próprio aplicou

à senhora Serpa, em determinada região da cabeça, e recomendou medidas especiais para que ela dormisse. Aconselhável obrigá-la a repousar mais tempo, controlada por anestésicos. A doente não podia e nem devia entregar-se a ideias fixas, sob pena de voltar a sofrer sem necessidade.

Evelina registou as observações dele em franca modorra. Depois, abismou-se em pesado sono, do qual despertou muitas horas depois, consciente de que lhe competia cuidar-se, evitando novo pânico. Mostrou o desejo de alimentar-se e foi imediatamente atendida com caldo quente e reconfortante, que lhe calhou gostosamente ao paladar, à feição de néctar.

Refêz-se, vigilante. Reconhecia-se sob uma espécie de assistência, cuja eficácia e poder não lhe cabia agora subestimar.

Finda uma semana em descanso absoluto, com entretenimentos de leitura escolhida pelas autoridades que a cervavam, passou a caminhar no recinto do quarto.

Ao retomar a verticalidade, assinalava em si mesma inequívocas diferenças. Os pés se lhe patenteavam leves, qual se o corpo houvesse diminuído de peso, intensivamente, e, sobretudo, no cérebro, as ideias lhe nasciam em torrente, vigorosas e belas, quase a se lhe materializarem diante dos olhos.

Numa tarde em que se via mais amplamente estimulada a reaver os movimentos normais, abeirou-se da janela que dava para um pátio enorme e, do alto do terceiro andar que a hospedava, contemplou dezenas de pessoas que conversavam alegremente, muitas delas sentadas em torno de irisada fonte que se erigia em centro de florido e extenso jardim.

Aquela sociedade serena atraía-a.

Tinha sede de convivência, atreita que se achava a austeras disciplinas. À vista disso, consultou a enfermeira se lhe era concedido descer, travar conhecimento

com alguém. Afinal, sugeriu com otimismo, uma casa de saúde não deixa de assemelhar-se a um navio, em cujo bojo as criaturas se interessam umas pelas outras, estendendo-se as mãos.

A serviçal achou graça e escorou-a nos braços para a descida.

Poderia, sim, divertir-se ali. O ambiente lhe faria bem, ao mesmo tempo que lhe seria lícito granjear uma que outra amizade.

Deixada a sós, fitou ansiosamente os rostos que a rodeavam. Figurou-se-lhe estar no seio de vasta família de pessoas, afins pelo coração, mas quase todas desconhecidas entre si, qual acontece num balneário.

Todos os circunstantes acusavam-se na posição de convalescentes, adivinhando-se-lhes, sem dificuldade, os vestígios das enfermidades de que haviam conseguido evadir-se.

Evelina interrogava-se, quanto ao melhor processo de estabelecer contacto com alguém, quando viu um homem, não longe, que a fitava, evidentemente assombrado. Oh! não era aquele cavalheiro, exatamente Ernesto Fantini, o improvisado amigo das termas? O coração bateu-lhe agitado e estendeu, na direção dele, os dois braços, dando-lhe a certeza de que o aguardava, de alma aberta.

Fantini, pois era ele mesmo, ergueu-se da poltrona em que se guardava e avançou para ela, a passos rápidos.

— Evelina!... Dona Evelina!... Estarei realmente vendo a senhora?

— Eu mesma! — respondeu a moça, chorando de alegria.

O recém-chegado não foi estranho à emotividade daquele minuto inesquecível. Lágrimas lhe rolaram no rosto simpático e sisudo, lágrimas que ele buscava enxugar, embaraçado, procurando sorrir.

6

Entendimento fraternal

— Há quantos dias aqui?

— Positivamente, não sei — adiantou Ernesto, denotando fome de conversação.

E completou:

— Tenho matutado bastante naquele nosso entendimento de Poços de Caldas, acalentando sempre a esperança de revê-la...

— Gentileza de sua parte.

Evelina confidenciou a perplexidade em que vivia. Despertara naquela instituição de saúde que desconhecia de todo, obviamente transferida de casa por imposição da família, porquanto o único fato de que se recordava com clareza era justamente o desmaio em que descaudara no tope de uma crise das piores que havia atravessado.

E salientou, sorrindo, que tivera a impressão de morrer...

Quanto tempo desacordada? Ignorava.

Retomara-se apenas quando viera a si do sono profundo e sem sonhos, ali mesmo, no quarto do terceiro andar.

Desde então, andava intrigada com o mistério que a administração fazia, em torno dela própria, de vez que não obtivera permissão para telefonar ao marido.

Fantini escutava, atencioso, sem articular palavra. Em derredor, algumas pessoas se mantinham sen-